

SOCIEDADE

13.11.2020 às 08h00

Covid-19: Rt baixou de 1,15 para 1,13 e não reflete ainda as novas medidas do Governo



Getty Images

O índice de transmissão de Covid-19 baixou duas centésimas, aumentando a probabilidade de atravessarmos o pico de infeções mais cedo do que o esperado. Os especialistas sublinham a importância em cumprir as normas para o bem de todos

Manuel Carmo Gomes, professor de epidemiologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL), revelou à VISÃO que reviu esta quarta-feira, 11, as previsões relativas ao desenvolvimento da pandemia em Portugal e, pela primeira vez nos últimos dias, há uma boa notícia. O valor do índice de transmissão da doença no nosso país, ou Rt, baixou duas centésimas. Se nas últimas semanas o valor registado tinha-se mantido constante em 1,15, esta quarta-feira baixou para 1,13.

“O valor diz respeito à média dos últimos sete dias, o que significa que as pessoas, aparentemente, começaram a alterar comportamentos no fim de outubro, ainda antes de o Governo ter adotado as novas medidas para 121 concelhos”, revela Carmo Gomes. Ainda assim, alerta, “é preciso esperar para ver se isto se mantém nos próximos dias, não basta o Rt descer um bocadinho um dia e depois voltar a subir. É essencial que haja consistência na descida”.



Ainda que sejam apenas duas décimas, a descida registada influenciou positivamente as previsões relativas à evolução do número de novos casos. “Neste momento, estamos a prever um pico de nove mil casos entre 30 de novembro e 9 de dezembro. As nossas previsões anteriores eram de 11 mil a meio de dezembro”, revela Manuel Carmo Gomes. Ou seja, não só o número de novos casos correspondentes ao pico de infeções parece poder vir a ser menor, como este pico poderá chegar, e passar, mais cedo que o previsto. “Mas isto só se verificará se o Rt não voltar a aumentar”, sublinha o especialista. E acrescenta, “se as medidas do Governo tiverem um grande impacto, até podemos vir a ter um pico que não chegue aos nove mil casos”.

Quanto ao número previsto de óbitos, não existem alterações, continuando a esperar-se um pico de 100 óbitos diários, por volta da segunda ou terceira semanas de dezembro. “Depois esperamos que desça, mas, para que os óbitos desçam é preciso que os internamentos comecem a descer, pelo menos, duas a três semanas antes e, para que os internamentos comecem a descer é preciso que os contágios diminuam. Está tudo ligado”, conclui Carmo Gomes.

É precisamente o facto de estar tudo ligado que preocupa o coordenador do Gabinete de Crise da Ordem dos Médicos Filipe Froes, que alerta, “a resolução da pandemia não se faz aumentando a capacidade de resposta do SNS, até porque essa, não só é finita, como compromete a prestação de cuidados a todas as outras áreas”. O pneumologista refere que, apesar de o investimento no SNS ser muito importante, este não representa a solução. “A solução passa por quebrar a origem dos novos casos que condicionam a sobrecarga existente sobre esse mesmo sistema. Temos de intervir a montante do problema, ou seja, reduzir de forma mantida e progressiva o número de casos, esmagando a curva”.

Nesse sentido, as novas regras divulgadas pelo Governo, e vigentes desde segunda-feira, 9 de novembro, em 121 concelhos do país, poderão ajudar, mas tudo depende se serão ou não cumpridas pela população.

Manuel Carmo Gomes revela que, normalmente, o efeito deste tipo de medidas começa a fazer sentir-se cerca de 15 dias após terem sido adotadas, mas refere ser impossível prever qual o verdadeiro impacto que terão no Rt nacional, uma vez que “isso depende muito do comportamento das pessoas”.

Fazendo eco das palavras divulgadas hoje, em comunicado, pela Ordem dos Médicos, onde é expressa a necessidade de “garantir os meios necessários à implementação das medidas de prevenção e controlo, nomeadamente nos transportes públicos, bem como, fiscalizar o seu correto cumprimento”, Filipe Froes afirma, “se tivermos uma boa medida sem adesão, essa medida não tem qualquer significado”.

Manuel Carmo Gomes explica que as contas terão sempre de ser feitas *à posteriori*. “Duas semanas após a entrada em vigor das medidas, teremos de calcular a média de novos casos por dia nas três semanas anteriores e averiguar se o aumento entre a segunda e a terceira é inferior ao aumento entre a primeira e a segunda. Se for, então quererá dizer que fizeram efeito”, explica, sublinhando que refere-se a um aumento, porque, enquanto o Rt estiver acima de 1, é inevitável que este se registre. “É mais uma questão de aceleração, como num



carro: quando está a andar está sempre a andar, pode é fazê-lo mais depressa ou mais devagar”, exemplifica.

Filipe Froes considera que as medidas que o Governo tem tomado para travar este carro têm sido “não são só insuficientes como tardias”, defendendo ainda que “não basta anunciá-las, é preciso criar condições para as implementar e, nessas condições, temos de ter em atenção os meios e a explicação das mesmas à população”. O médico revela ainda acreditar que, apesar de poderem existir fenómenos de cansaço, saturação e fadiga pandémica, “a maior parte das pessoas, percebendo o alcance que as medidas podem ter na sua vida pessoal, na vida da sua família e de todos nós, tentará aderir”.